

**Capítulo 16 - DOI:10.55232/1082022.16**

**PARAÍSO, PURGATÓRIO E INFERNO: UM ESTUDO DA  
MEMÓRIA ATRAVÉS DOS LUGARES DE DANTE**

**Cristiane Grequi Cardoso**

**RESUMO:** Tendo por suporte os lugares de memória concebidos por Dante em A Divina Comédia, intenta-se promover uma discussão acerca do conceito de memória e as teorias engendradas sobre o tema. A metodologia empregada para realizar o estudo é a revisão bibliográfica, através da qual se busca identificar os pontos de intersecção entre os variados prismas dentre os quais se pode analisar a memória, sobretudo sua crescente influência na formação da identidade das sociedades contemporâneas, sua relevância como ferramenta para lidar com eventos traumáticos e sua intrínseca relação com o esquecimento.

**Palavras-chave:** Teorias da Memória, Regimes Memoriais, Esquecimento.

## 1 INTRODUÇÃO

Com suporte nos lugares percorridos pelo poeta Dante Alighieri (1265 – 1321) no clássico da literatura intitulado *A Divina Comédia* (1307), busca-se criar um roteiro para revisitar temas que norteiam o estudo da memória em alguns dos seus múltiplos círculos de estudo. Concentrando as figuras de narrador e protagonista da jornada, o poeta é o canal comunicante da memória através do tempo e do espaço. Por intermédio de sua passagem pelo Paraíso, Purgatório e Inferno, Dante faz as vezes de ponte que conecta as memórias dos vivos e dos mortos.

Na primeira paragem trata-se de discorrer sobre o funcionamento da memória, o modo como ela é adquirida e armazenada no cérebro. Os aspectos filosóficos que circundam seu estudo formam a base para o desenvolvimento das teorias que tratam, dentre outras, das dimensões veritativa, cognitiva e pragmática da memória.

No segundo atracadouro demonstra-se o crescente papel da memória como ferramenta heurística para compreensão e organização do tempo. Nessa toada, a concepção de regimes memoriais se afigura alentado instrumento para a compreensão de passado, presente e futuro. O efeito reverso desse fenômeno deságua na denominada hipertrofia memorial.

Por derradeiro, no terceiro sítio expõem-se constructos mais recentes, como é o caso da memória traumática, assim considerada uma expressão das lembranças dolorosas e inenarráveis, e da pós-memória, efeito do trauma que ecoa por sucessivas gerações. Aborda-se também o esquecimento como contraponto da memória e ressalta-se seu papel decisivo na conformação das memórias individual e coletiva.

## 2 UM ESTUDO DA MEMÓRIA ATRAVÉS DOS LUGARES DE DANTE

Uma das características que faz do estudo da memória uma empreitada tão estimulante seguramente é o seu caráter fugidio. Afirmar que a memória é a “propriedade de conservar certas informações” (LE GOFF, 2013, p. 387) está correto, mas esta definição não é completa, uma vez que deixa de fora a capacidade de transformação, de maleabilidade e de reconstrução permanente (GONDAR, 2016, p. 19) que igualmente são inerentes à memória.

De antemão, quer-se aqui assumir um risco: avançar continuamente pelos círculos que margeiam o conceito de memória ainda que tal jornada implique um destino para o qual não se encontre o canal de retorno. Para tanto, adota-se o conselho de Aristóteles, isto é, criam-se lugares mnemônicos a serem preenchidos por imagens (ROSSI, 2007, p. 65).

Realmente, a memória se desenrola a partir de um contexto espacial (HALBWACHS, 2006, p. 170) que pode existir concretamente ou apenas em forma representação imagética como o palácio da memória de Cícero. Mesmo que nunca tenham materialmente existido, certo é que as alegorias de Paraíso, Purgatório e Inferno esboçadas por Dante em sua *A Divina Comédia* adentraram tão fortemente o imaginário do mundo ocidental que se tornaram lugares de memória a pautar as lembranças, a moral, as produções literária e artística de sucessivas gerações (LE GOFF, 2013, p. 414). Assim, tomam-se emprestados de Dante esses cenários tão familiares para que sirvam de amparo e através deles se possa perscrutar alguns dos tantos circuitos que compreendem a ciência da memória.

Percorrendo ao revés o caminho que o poeta trilhou, parte-se do onírico Paraíso onde se escolhe localizar o funcionamento da memória, suas interpretações e o fenômeno memorial, atravessa-se o Purgatório por onde se encontram os regimes memoriais e o *memory boom* e avança-se rumo ao Inferno das memórias traumáticas, da pós-memória e do esquecimento. O roteiro é fictício, vale dizer, não existe senão como um arremedo de *loci memoriae*, uma ingênua fantasia para atrair o olhar. O objetivo é apenas um, qual seja, usar os recursos proporcionados pelo estudo da memória em benefício de sua melhor compreensão.

## 2.1 Paraíso: o funcionamento, as interpretações e o fenômeno memorial

*Pois, ao excelso desejo se acercando,  
A mente humana se aprofunda tanto  
Que a memória se esvai, lembrar tentando.*  
(*A Divina Comédia*, Paraíso, Canto I, p. 525)

Se Dante submeteu-se ao tormentoso percurso por entre os círculos do Inferno e Purgatório, o fez para ter a oportunidade de adentrar ao Paraíso e ver-se face a face diante de sua amada Beatriz, cuja imagem tornava-se cada vez mais custosa de localizar na memória.

O verso extraído do Paraíso de Dante descreve uma característica recorrente ao exercício de evocação de lembranças, ou seja, por demasiado que a mente mergulhe no ato de recordar, não são raras as vezes em que a memória retorna debilmente ou se evade de todo. O

jogo de perseguir lembranças que teimam em escapar ou deparar-se com recordações que se preferia relegar ao olvido, constitui o movimento cotidiano do lembrar e esquecer. Disso é feita a memória, do constante processo de recategorização de lembranças, o qual modifica seu esquema de organização a cada nova experiência vivenciada (CANDAU, 2006, p.13). Por isso diz-se que a memória é uma função complexa, a qual compreende diversas etapas que implicam desde a aquisição, o armazenamento, a evocação e até mesmo o seu próprio apagamento.

Em seus estudos sobre memórias, o neurocientista Ivan Izquierdo (1989, p. 95) identifica que o ato de formação de memórias passa por diferentes momentos. Primeiramente ocorre a captação de informações por intermédio dos sentidos, fase em que já se verifica uma prévia seleção daquilo que será armazenado ou não. Em seguida constata-se um processo de consolidação, através do qual as memórias deixam de ser instáveis e se tornam mais duradouras. A tendência à consolidação de algumas memórias em detrimento de outras encontraria relação com a carga emocional ou afetiva em que estas são recebidas. Mais adiante é possível que ocorra a incorporação de novas informações através de posteriores aprendizados, cujo acréscimo tende a ser feito não de modo isolado, mas por intermédio de registros em blocos. Ditos registros, no entanto, podem sofrer alterações a partir do ato de evocação da memória. A outra face da memória é o antes mencionado esquecimento. Ainda que decorrência natural do procedimento de seleção de memórias, afinal, sequer seria desejável que um indivíduo fosse capaz de recordar absolutamente tudo o que vivenciou, a evanescência da memória também é objeto de interesse, uma vez que o esquecimento não decorre necessariamente de um ato consciente de vontade, mas está sujeito a diversos fatores sejam eles bioquímicos, psicológicos ou emocionais, em um mecanismo muito semelhante ao da formação das memórias (IZQUIERDO; MYSKIW; BENETTI e FURINI, 2013, p. 15).

A par da investigação acerca da anatomia da memória e o modo como ela se forma, outros campos do conhecimento se ocupam da tarefa de destrinchá-la em suas mais diversas facetas. Questões que conectam a memória com capacidade de aprendizagem, bloqueios emocionais e mesmo patologias são recorrentemente abordadas pela psicologia. A psicanálise, por sua vez, preocupa-se em compreender a memória para além da consciência, nos recantos mais escondidos da mente humana (CANDAU, 2006, pp. 15-28).

No campo da filosofia o estudo da memória encontra contribuições de relevo. O filósofo Paul Ricoeur (2007, pp. 27-39) reporta-se a antiguidade grega em busca das origens

da fenomenologia memorial. Em um primeiro momento, conta com a contribuição dos ensinamentos de Platão e o seu conceito de rememoração. Tendo em conta a distinção entre o mundo sensível com seu caráter efêmero e o mundo inteligível com sua natureza espiritual, ter-se-ia a alma como pertencente ao mundo inteligível<sup>1</sup>. Dessa forma, a memória estaria correlacionada com a imagem de marca recebida precisamente na alma a partir do choque de um acontecimento. Tal como a cera modelada através força empregada sobre o sinete, a alma levaria em si a impressão ocasionada pela ocorrência de um fato. Nesse sentido, a memória equivaleria a representação presente da coisa ausente, ao passo que o ato de rememoração corresponderia ao resgate de um acontecimento previamente impresso na alma. Nessa ilustração se alojaria a base para um aspecto bastante relevante, e ao mesmo tempo controverso, relativamente à memória, referimo-nos a sua dimensão veritativa. Platão não deixa passar despercebida a possibilidade de o ato de rememoração resultar tanto em opiniões ilusórias quanto em opiniões verdadeiras. Nem será preciso dizer que questões como falsas memórias, abusos de memória seguramente encontram nessa aporia um potente alicerce sobre o qual podem se fundar.

Em seguida, Ricoeur toma a citação de Aristóteles, para quem “a memória é do passado” para justificar a imprescindibilidade da memória como elo a estabelecer uma relação com o passado. Em outro dizer, tempo e memória encontrariam indissociável ligação e sem a memória inexistiria o passado<sup>2</sup>. Por intermédio do resgate das expressões *mnème* e *anamnèsis*, respectiva e resumidamente compreendidas como, ter espontaneamente uma lembrança e buscar ativamente uma recordação (RICOEUR, 2007, p. 37), constata-se uma dimensão cognitiva e uma dimensão pragmática da memória. Essas duas dimensões encontram-se de algum modo referenciadas na teoria da memória concebida por Henri Bergson, como adiante se verá.

Ao subverter a concepção quantitativa de tempo, sistematicamente fracionado por balizadores como o calendário ou o relógio, Bergson (2011, p. 161) pensa o tempo como uma diversidade indivisível e heterogênea, de sorte que o passado não sucede ao presente, mas

---

<sup>1</sup> Em *História & Memória*, Le Goff (2013, p. 402) reafirma a noção de memória desenvolvida por Aristóteles, i. e., a memória seria um componente da alma e ela não se manifestaria ao nível da sua parte intelectual, mas unicamente ao nível da sua parte sensível.

<sup>2</sup> Aliando-se à tese de Aristóteles, Ricoeur (2007, p. 38) assevera que a noção de distância temporal reside na essência da memória e é ela que assegura a distinção de fundo entre memória e imaginação.

coexiste com ele<sup>3</sup>. Nesse diapasão, surge o conceito de duração em que é possível reconhecer que numa sucessão de momentos, o posterior contém o momento antecedente somado à lembrança do que este lhe deixou e tais momentos se contraem um no outro, porém nunca desaparecem (DELEUZE, 2012, p. 43). Frente a tal paradigma, a memória também coexiste por inteiro, salvo que em níveis diversos. Segundo essa concepção identificam-se a memória hábito, vinculada ao mecanismo sensório-motor, a qual é adquirida a partir da repetição de um mesmo movimento; a lembrança imagem conectada no presente da ação, através do qual é buscada na memória, atualizada no cérebro e utilizada para direcionar a ação; e a lembrança pura compreendida como a representação de um objeto ausente. Em sua obra *Matéria e Memória*, o filósofo francês afirma categoricamente que, na verdade, “não há percepção que não esteja impregnada de lembranças” (BERGSON, 2011, p. 30), de modo que, aos dados presentes mesclam-se detalhes de experiências outrora passadas e somente compreende-se o presente, porque se carrega introjetado o arcabouço do passado. Mas então, se passado e presente coexistem e neles se conservam as lembranças, é de se questionar o que determina a suposta perda da memória. Segundo o autor, lembrança pura ou imagem lembrança mantém permanentemente sua existência, salvo que, em decorrência de alguma patologia ou perturbação do esquema motor, ocorra um comprometimento no aspecto atinente a sua atualização (DELEUZE, 2012, p. 58).

Nesse sentido, a dicotomia entre lembrança e esquecimento se faz notar desde o nascedouro das discussões que tratam da memória. A abordagem de um conceito dificilmente se faz sem o enfrentamento do outro.

## 2.2 Purgatório: regimes memoriais e *memory boom*

*Sobem de ponto no valor antigo  
A memória, a vontade, o entendimento  
Da mudez o mais fica no jazigo.  
(A Divina Comédia, Purgatório, Canto XXV, p. 456)*

O ingresso de Dante no último compartimento do Purgatório autoriza que o viajor conheça os valores prescritos ao indivíduo como meio de salvação da alma contra o

---

<sup>3</sup> A coexistência entre passado e presente para Deleuze (2012, p. 53) equivale ao paradoxo da contemporaneidade e representa uma das bases fundantes do bergsonismo.

perecimento: a memória, a vontade e o entendimento<sup>4</sup>. Se a origem da memória acha-se estreitamente ligada a sociedades de tradição oral, é estanque de dúvidas que a passagem da oralidade para a escrita conta com o cristianismo como vetor significativo para seu impulsionamento como instrumento de resgate do passado (LE GOFF, 2013, p. 404). A liturgia, o culto aos santos, as preces pelos mortos constituem meios de interpenetração da memória no cotidiano das coletividades<sup>5</sup>. Daí para diante, o sentido de memória só fez diversificar suas acepções.

O alargamento do papel da memória no cotidiano dos indivíduos através dos variados modos de conceber o tempo e se relacionar com o passado fez com que ela ora se aproximasse, ora antagonizasse com a história. No intento de explicar as configurações assumidas por estes dois domínios ao longo do tempo, os regimes de historicidade de François Hartog criam ordens que figuram como uma chave decodificadora para melhor compreender o passado, o presente e o futuro.

Na primeira ordem do tempo, verificada no período compreendido entre a Antiguidade greco-romana (século V d.C.) e a Revolução Francesa (1789), se desenrolaria a chamada *Historia magistra vitae*, a história como produtora de exemplos. Nesse momento percebe-se que a “experiência predomina sobre a expectativa” (DE MELLO, 2016, p. 240) e a história é escrita do ponto de vista do passado. A seu turno, a memória ocupa uma posição de proeminência ao viabilizar o retorno ao passado. A segunda ordem do tempo, denota o regime moderno de historicidade, ela conta com a Revolução Francesa como balizador, toma por lastro as ideias de progresso, nacionalismo e esperança, enfim, deposita no futuro todas suas expectativas. De acordo com essa concepção futurista, a história passa a ser escrita teleologicamente do ponto de vista do futuro (HARTOG, 1996, p. 130). Por conta da necessidade de estabelecer novos paradigmas de identidade, a memória perde espaço para dar ensejo ao protagonismo do futuro. Contudo, uma vez transcorridos cerca de dois séculos, o advento das duas grandes guerras e o assombro do Holocausto faz fenecer o otimismo depositado no porvir. Uma terceira ordem do tempo começa a se delinear. Tendo a queda do Muro de Berlim (1989) como ponto de inflexão, o regime presentista de historicidade

---

<sup>4</sup> Em *História & Memória* Le Goff ressalta que essa mesma tríade é apregoada por Santo Agostinho. Leia-se: “Mas Agostinho lega também ao cristianismo medieval uma versão cristã da trilogia antiga dos três poderes da alma: *memoria, intelligentia, providentia* (cf. Cícero, *De Inventione*, II, 53, 160)” (LE GOFF, 2013, p. 408).

<sup>5</sup> Não obstante o recorte temático, nesse estágio, tenha deixado de abordar a memória coletiva, não se pode deixar de mencionar que a religião ainda exerce forte influência sobre a construção da memória, sendo mesmo apontada por Candau (2018, p. 23) com um dos “sociotransmissores” da metamemória, isto é, da representação que cada sujeito faz de sua própria memória.

preconiza um presente único, isto é, “o da tirania do instante e da estagnação de um presente perpétuo” (HARTOG, 2019, p.11). Sobressai nesse regime o desejo do presente em produzir para si mesmo o seu tempo histórico<sup>6</sup>.

O presentismo, como Hartog elegeu denominar esse regime de historicidade, traz a reboque de si um grande paradoxo, qual seja, ao mesmo tempo em que se está cingido ao presente há uma intensa busca pelo passado e pela memória<sup>7</sup>. Ao discorrer acerca das alterações da experiência do tempo e do espaço que se fizeram sentir sobremaneira no pós-guerra, Harvey faz uma síntese bastante fidedigna desse período:

A preservação histórica e a cultura do museu vivenciaram fortes impulsos da vida a partir do final do século passado, enquanto as exposições internacionais não só celebravam o mundo da mercadificação internacional como exibiam a geografia do mundo como uma série de artefatos que todos podiam ver. Foi a partir de tal clima que um dos mais sensíveis escritores modernistas, Simmel, pôde escrever de modo tão persuasivo sobre a importância das ruínas. Elas eram, disse, lugares em que ‘o passado, com seus destinos e transformações, era apreendido no instante do presente esteticamente perceptível’ (citado em Kern, 1983, 40). As ruínas ajudavam a alicerçar a nossa identidade abalada num mundo em rápida transformação. (HARVEY, 206, p. 247)

Com efeito, a supervalorização do passado – que se faz notar pelas profusas inaugurações de museus<sup>8</sup>, pela moda retrô, pela literatura memorialista – constitui fenômeno inaudito, o qual instiga a busca pelas causas de sua reverberação pelo mundo. Essa incessante caça aos símbolos, objetos e imagens do passado, a que Candau denomina mnemotropismo, efetivamente deve encontrar alguma motivação. Uma resposta provável, talvez resida no reverso da medalha, quer dizer, o excesso de memória possivelmente decorra de “um intenso pânico público frente ao esquecimento” (HUYSSSEN, 2000, p.19). Em valoroso ensaio acerca da expansão da cultura da memória, Andreas Huyssen (2000, p. 21) pondera que o medo do esquecimento se articula em torno de questões sensíveis como do Holocausto na Europa e

---

<sup>6</sup> Usando o materialismo histórico como referência para sua tese, Walter Benjamin (1940, p. 5) assevera que a história é objeto de uma construção cujo lugar onde é erigida não é o tempo homogêneo e vazio, mas um tempo saturado de “agoras”.

<sup>7</sup> Em uma crítica à sociedade que se delineava nos anos que se sucederam à Segunda Guerra, Guy Debord (2013, p.108) assim prenunciava: “O espetáculo, como organização social da paralisia da história e da memória, do abandono da história que se erige sobre a base de um tempo histórico, é a *falsa consciência do tempo*.”

<sup>8</sup> Para ilustrar o elã pela transmissão profusa de símbolos de memória ora experienciada, Candau (2018, p. 113) traz irreverente observação: “...um pouco sarcástico, Édouard Pommier observa que é suficiente percorrer um dicionário de palavras comuns e parar ao acaso em palavras como rolha ou computador, papelão ou ferro de passar e em seguida procurar o museu correspondente a isso. ‘Se não existe, está certamente sendo preparado’.”



Estados Unidos e dos presos ou desaparecidos políticos na América Latina. Daí se pode inferir que o medo do esquecimento encontra relação, em última instância, com o medo da morte, possivelmente o emblema mais candente da figura do esquecimento.

### 2.3. Inferno: memória traumática, pós-memória e esquecimento

*Eis a estância, que eu disse, às dores feita,  
Onde há de ver atormentada gente,  
Que da razão à perda está sujeita.  
(A Divina Comédia, Inferno, Canto III, p. 32)*

O Inferno de Dante reúne em si o paradoxo da memória e do esquecimento. É o lugar da memória, porque àqueles que para lá foram destinados não é permitido olvidar por um só instante as razões que os conduziram ao interminável sofrimento. É o lugar do esquecimento, porque aos seus residentes tampouco é possível partir, vendo-se obrigados a ali permanecerem por toda a eternidade.

De igual modo, as temáticas da memória traumática e da pós-memória notadamente não se fazem sem a abordagem do esquecimento. Se por um lado, por força do “dever de memória” (RICOEUR, 2007) não é factível deixar para trás o cometimento de atos atrozes contra grupos, povos, etnias, por outro, o esquecimento sobrevém tanto como etapa necessária ao arrefecimento de tensões, quanto como a própria superação da perda ou a elaboração do luto<sup>9</sup>.

Realmente, como decorrência das impactantes experiências das Primeira e Segunda Guerras Mundiais, verificou-se uma crescente necessidade de compreender a memória não só segundo a perspectiva do indivíduo, senão de uma coletividade, ou seja, através dos traços comuns que permitem uns aos outros conectarem-se entre si (HALBWACHS, 2006, p. 107). Para Nora, a memória coletiva seria “o que fica do passado no vivido dos grupos, ou o que os grupos fazem do passado” (*apud* LE GOFF, 2013, p. 432). E o que fica do passado inequivocamente não é constituído apenas de ternas lembranças. Nessa senda, a marca

---

<sup>9</sup> Ao descrever os horrores suportados em Auschwitz, Primo Levi debate-se exatamente com o sentimento ambíguo entre lembrar e esquecer aqueles episódios. O imperativo da memória, contudo, há de prevalecer: “Poderíamos, então, perguntar-nos se vale mesmo a pena, se convém que de tal situação humana reste alguma memória. A essa pergunta, tenho a convicção de poder responder que sim. Estamos convencidos de que nenhuma experiência humana é vazia de conteúdo, de que todas merecem ser analisadas”. (LEVI, 1988 p.127). Embora tratado pelo escritor como um ato volitivo, cabe indagar se o esquecimento efetivamente decorre de um ato de escolha ou se trata de um fato inexorável, sobre o qual não se tem completo domínio.

indelével da Shoah e o padecimento de agruras inomináveis, fez surgir a necessidade de lidar e elaborar o passado ora como tributo aos que perderam a vida, ora como resgate de sentimentos identitários (ALEXANDER, 2016, p. 193).

O Holocausto, destarte, teria se constituído na matriz de referência contemporânea à memória e ao passado, o evento fundante por meio do qual se impulsiona um movimento de introspecção às sociedades nacionais para que revisitem as páginas menos gloriosas de suas próprias histórias (GARCIA, 2010, p. 37). Como ressalta Dominique Chevalier (2016, p. 237) a complexidade, a envergadura e a monstruosidade do advento da Shoah constituem um desafio para a consciência moral de toda a humanidade.

Contudo, não se pode deixar de reparar que a memória traumática, assim considerada uma patologia que tanto acomete um indivíduo como uma coletividade, por vezes se encontra recalçada e nem sempre se evidencia de imediato<sup>10</sup>. A incapacidade de elaborar as dores e sofrimentos, a ausência de um ambiente propício ao acolhimento, por exemplo, constituem fatores que inibem a externalização da dor. Porém, o fato de permanecer submersa não impede que a memória traumática reverbere para além do indivíduo e até mesmo transcenda gerações. A esse propósito, Marianne Hirsch (2008, p. 111) identifica a transferência de memórias traumáticas por atos não verbais ocorrida, por exemplo, dentro de um núcleo familiar. De fato, as experiências suportadas por homens e mulheres ao longo do Holocausto não se fizeram apagar e, não obstante em alguns casos elas possam ter sido voluntária ou involuntariamente silenciadas, foram de tamanha intensidade que tiveram o condão de serem transferidas, através de sensações e emoções, às gerações contíguas. Essa transmissão intersubjetiva é denominada pela autora como pós-memória.

O conceito de pós-memória ou como sintetizou Patrícia Violi (2020, p. 20) a “memória de lembranças alheias” desperta interesse à medida que chega com capacidade de afetar sensivelmente as histórias pessoais não apenas das vítimas que diretamente vivenciaram os fatos, como também os seus sucessores. Por conseguinte, o sofrimento ocasionado por essa memória em ricochete suscita a premência em buscar modos de promover a superação desse trauma. De acordo com Violi (2020, p. 26) é possível elaborar coletivamente e alcançar transformar a memória dolorosa, através de uma ação política dentro da esfera pública. Mais do que isso, um trauma com a magnitude daquele provocado pelo Holocausto serviria de

---

<sup>10</sup>Para Freud, o tratamento analítico para superação do trauma passaria pelas etapas de recordar, repetir e elaborar com o objetivo de preencher lacunas existentes na recordação, por intermédio da superação das resistências que tenham conduzido ao recalque. (BOHLEBER, 2007, p. 156)

paradigma para definir relações de solidariedade, identificar pontos de semelhança e compartilhar da dor por variados grupos – guardadas as peculiaridades das circunstâncias fáticas – que tenham experienciado eventos traumáticos. Ainda, por meio de processos conjuntos de interpretação cultural ter-se-ia o caminho para a superação dos traumas coletivos (ALEXANDER, 2016, p. 208). Superação, convém ressaltar, não se confunde com esquecimento.

Lete, o rio do esquecimento, é o bálsamo para os pecadores do Purgatório, uma vez que ao beber de suas águas os faltosos obtêm a purificação que os autoriza adentrar no Paraíso. Dante também é instado a mergulhar no Lete, quiçá para esquecer dos flagelos que presenciou no Inferno.

A polissemia que reveste o conceito de memória estende-se na mesma medida ao conceito de esquecimento. Ricoeur (2007, p. 425) atenta para possibilidade de estudar-se o esquecimento como rastro cortical, cerebral, afeto aos estudos das neurociências, como para a possibilidade de investigá-lo como rastro psíquico. O modo como (ou o local onde) se armazenaria a memória estaria vinculado também ao modo como se dá o esquecimento. Na esteira dos ensinamentos de Bergson, o filósofo vale-se da metáfora da profundidade vertical para falar em níveis de esquecimento. Melhor dizendo, face a diversidade de memórias e sua duração, o esquecimento seria menos um borramento de memórias e mais uma inacessibilidade de lembranças. Segundo essa lógica, os esquecimentos não seriam definitivos, mas reversíveis. Resta aí saber se essas lembranças intangíveis poderiam ser ou não acessadas por via do recurso da rememoração (RICOEUR, 2007, p. 426).

O esquecimento, além disso, possui um viés distinto quando encarado como fenômeno social circunscrito ao campo da memória coletiva, isto porque, as lembranças de um grupo tendem a ser ressaltadas ou mitigadas de acordo com o constante processo de atualização promovido pela comunidade, logo, o esquecimento é elemento significativo na construção da memória coletiva<sup>11</sup>. Aliás, Candau (2006, p. 64) decreta que a memória coletiva ao contrário de ser a soma das lembranças, poderia ser melhor definida como a soma dos esquecimentos dos membros de um grupo. Efetivamente, apesar de o medo do esquecimento rondar os indivíduos como uma ameaça, como um dano à hígidez da memória, o esquecimento constitui um irrefutável recurso que pode proporcionar o estreitamento de laços sociais, assim como amalgamar a identidade de uma coletividade. O esquecimento, então,

---

<sup>11</sup> Nesse diapasão, na falta de meios, os lugares de memória, a que refere Pierre Nora, seriam o antídoto encontrado para prevenir-se do esquecimento (RICOEUR, 2007, p. 415)

reputa-se como recurso de estabilização da comunidade. Quanto ao uso da memória como instrumento de coesão de grupos e instituições, Pollak (1989, p.7) adverte, todavia, que essa ferramenta não pode ser utilizada sem limitações. Evidentemente a memória coletiva não pode ser imposta despoticamente pena de provocar o resultado inverso: ao contrário de fomentar a paz, pode desencadear sentimentos de ódio e ressentimento, com potencial para culminar em atos de violência.

Está-se a ver que longe de antagonizarem, os conceitos de memória e esquecimento podem ser considerados complementares. Entretanto, o equilíbrio entre o excesso de memória ou o demasiado esquecimento configura meta desejável, porém, difícil de atingir.

### 3 CONCLUSÃO

Sandro Boticelli, Gustave Doré, Salvador Dalí, Auguste Rodin, Franz Liszt são apenas alguns dos artistas da pintura, escultura, música que contribuíram para que a memória dos sítios percorridos por Dante em *A Divina Comédia* se assentasse de forma tão arraigada em nosso inconsciente que basta o cerrar dos olhos para se transitar pelos lugares retratados pelo poeta, mesmo que eles somente tenham existido virtualmente. Nesse sentido, a escolha da obra como farol para nortear os estudos sobre a memória tanto pode ter decorrido de uma escolha preordenada, como ser resultado de um mergulho na intuição – no sentido bergsoniano, vale dizer – sendo a segunda, a resposta mais provável.

Efetivamente, ao empreender um estudo acerca da memória, seu processamento, as teorias que tentam explicá-la ou os regimes memoriais não se pode deixar de refletir que muito da memória – individual e coletiva – que se carrega decorre do acúmulo de informações, as quais são paulatina e permanentemente recebidas, processadas e reconstruídas no vaivém do cotidiano, e que essa memória erigida em camadas de duração é determinante para atos dos mais mezinhas até a tomada de decisões, sejam elas pessoais, de grupos ou nações. Aliás, constata-se que o próprio interesse pela memória e o afã de utilizá-la para organizar e reorganizar o passado configura sintoma de uma época, reflete o regime de historicidade ora experimentado. Seguindo essa linha de raciocínio, somos promotores e produtos do presentismo, somos agentes e consumidores do mnemotropismo, somos fomentadores e padecentes do esquecimento.

Estar inserido em um contexto social e histórico, no entanto, não representa motivo para abandonar o aprofundamento no fenômeno memorial. Ao contrário, deve constituir estímulo para que se avance no conhecimento dos mecanismos que pautam nosso pensar e, a partir daí, ter condições mais favoráveis para atuar. É o caso, por exemplo, do funcionamento da memória traumática. Ainda que possa ser determinante para a formação de identidades e para a adoção de determinados comportamentos, a memória traumática, por fatores psíquicos e psicológicos, nem sempre está no plano da consciência do indivíduo. A elaboração do trauma, no entanto, passa pelo processo catártico. Se considerar-se, como Bergson, que a memória coexiste virtualmente sem fragmentações entre passado, presente e futuro, o processo de elaboração necessariamente passaria pelo esforço da rememoração, pela busca ativa através das camadas de duração que se encontram contraídas em relação ao presente. Através do exercício de rememoração, as memórias coletivas poderiam emergir em um espaço onde se pode transitar entre as diversas camadas temporais, de modo a se permitir a mediação, a ressignificação e a reparação dos traumas, outrora sofridos, ainda que por gerações precedentes. Certo é que atuar segundo esses paradigmas autoriza obter resultados inestimáveis para a pacificação social.

Portanto, longe de pretender carrear soluções dogmáticas, a contribuição ora trazida visa tão somente estimular o debate do tema.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALEXANDER, Jeffrey. *Trauma cultural, moralidade y solidariedade*. Revista Mexicana de Ciencias Políticas y Sociales. UNAM, n.228, 2016.

ALIGHERI, Dante. *A Divina Comédia*. 1 ed. São Paulo: Editora Atena, 2003.

BENJAMIN, Walter. *Teses sobre o conceito da história*. 1940. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4330350/mod\\_resource/content/1/w\\_benjamin\\_teses\\_sobre\\_o\\_conceito\\_de\\_hist%C3%B3ria\\_1940.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4330350/mod_resource/content/1/w_benjamin_teses_sobre_o_conceito_de_hist%C3%B3ria_1940.pdf).

BERGSON, Henri. *Matéria e Memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. 4.Ed. São Paulo: Martins Fontes. 2011.

BOHLEBER, Werner. *Recordação, trauma e memória coletiva: a luta pela recordação em psicanálise*. Revista Brasileira de Psicanálise. Vol, 41, n. 1. 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbp/v41n1/v41n1a15.pdf>

CANDAU, Joël. *Antropología de la memoria*. 1. ed. Buenos Aires: Nueva Visión. 2006.

CANDAU, Joël. *Memória e identidade*. 3. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2018.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. 1. ed. 13. reimp. Rio de Janeiro: Contraponto. 2013.

DELEUZE, Gilles. *Bergsonismo*. 2. ed. São Paulo: Editora 34. 2012.

DE MELLO, Juçara da Silva Barbosa. *O cotidiano, os 'regimes de historicidade' e a memória*. Revista Tempo e Argumento, Florianópolis, v. 8, n. 19, p. 236 - 253. set./dez. 2016.

GARCIA, Patrick. *Quelques réflexions sur la place du traumatisme collectif dans l'avènement d'une mémoire monde*. Journal français de psychiatrie, 2010/1 (n° 36), p. 37-39.

GONDAR, Jô. *Cinco proposições sobre memória social*. Morpheus. Revista de estudos interdisciplinares em memória social. Rio de Janeiro, v. 9, n. 15, 2016.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. 1. ed. São Paulo: Centauro Editora. 2006.

HARTOG, François. *Regime de Historicidade. Time, History and the writing of History-KVHAAKonferenser* 37: 95-113 Stockholm 1996. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/dh/heros/excerpta/hartog/hartog.html>

HARTOG, François. *Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo*. 1. ed.; 3. reimp. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2019.

HARVEY, David. *Condição pós-moderna*. 26. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2016.

HIRSCH, Marianne. *The generation of pos memory*. Poetics today, 2008.

HUYSSSEN, Andreas. *Passados presentes: mídia, política, amnésia. Seduzidos pela memória*. Rio de Janeiro, Aeroplano, 2000.

IZQUIERDO, Ivan. *Memórias*. Estudos Históricos [online]. Vol. 3, n. 6. pp-89-112, 1989. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40141989000200006>

IZQUIERDO, Iván; MYSKIW, Jociane de Carvalho; BENETTI, Fernando; e FURINI, Cristiane Regina Guerino. *Memória: tipos e mecanismos – achados recentes*. Revista USP. São Paulo. N. 98. Jun-Ago, 2013. p. 9-16.

LE GOFF, Jacques. *História & Memória*. 7. Ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp. 2013.

LEVI, Primo. *É isto um homem?*. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

POLLAK, Michael. *Memória, Esquecimento, Silêncio*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. 1. Ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp. 2007.

ROSSI, Paolo. *O passado, a memória, o esquecimento. Seis ensaios da história das ideias*. 1. ed. São Paulo: Ed. UNESP. 2007.

ROTHBERG, Michael. *From Warsaw to Gaza. Mapping multidirectional memory*. Criticism, n.53,v.4, 2011.